

Estética da exclusão: a perpetuação cultural no Brasil

The aesthetics of exclusion: the perpetuation of culture in Brazil

Ana Maria de Barros¹
UFPE/CAA

Bruno Ferreira R. dos Santos²
UFPE

135

Marta Araujo Ramos³
PUC/Rio

RESUMO

Este artigo se dispõe a examinar um fenômeno social construído ao longo de séculos não só na sociedade brasileira, mas no mundo inteiro que culmina na definição de uma estética oprimida, excluída e invisibilizada: a estética da exclusão. Essa expressão vai sendo edificada ao longo dos anos através de práticas escravistas, segregadoras, classistas e “aporofóbicas” que se desdobram também em outras fobias à grupos economicamente vulneráveis e naturalmente subalternizados. Este trabalho recorre a alguns recortes da história do Brasil, autores do pensamento social brasileiro e questões atuais que evidenciam a discrepância, ainda, estimulada por diferenciações estéticas que interferem de forma arbitrária, naturalizando tais práticas e aumentando a distância entre os que serão excluídos pela sua estética.

PALAVRAS-CHAVE

Estética; aporofobia; exclusão; desigualdade

¹ E-mail: ana.mariab@ufpe.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1681-6501>

² E-mail: bruno.rsantos@ufpe.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1639-3627>

³ Graduada em Comunicação Social – ênfase em Jornalismo - pela PUC-Rio, graduanda do curso de pedagogia da UERJ, Professora dos anos iniciais da Rede Municipal de São João de Meriti-RJ e membro do Coletivo 30 Anos PUC-Rio

ABSTRACT

This article aims to examine a social phenomenon built over centuries not only in Brazilian society, but throughout the world, which culminates in the definition of a dominant and dominating aesthetic: the aesthetics of exclusion that has always been naturalized in Brazilian territory. This expression has been built over the years through slave-owning, segregating, classist and “aporophobic” practices that also unfold into other phobias for economically vulnerable and naturally subordinated groups. This work uses some excerpts from the history of Brazil, authors of Brazilian social thought and current issues that highlight the discrepancy, also stimulated by aesthetic differentiations that interfere in an arbitrary way, naturalizing such practices and increasing the distance between those who will be excluded by their aesthetics.

KEYWORDS

Aesthetics; aporophobia; exclusion; inequality

INTRODUÇÃO

A estética está intimamente ligada aos elementos que antecedem a sociedade moderna. Não por acaso, padrões que derivavam das experiências da mitologia grega, mesmo após os pensamentos platônico e aristotélico sobre o tema, seguem até hoje sendo referência no assunto. Desta forma, o belo, o feio e toda e qualquer adjetivo para algo que nos salta às vistas e nos provoca o “*thauma*”⁴, interiormente, seguem até os dias atuais fazendo parte do nosso cotidiano. Isso é demonstrado através da sensibilidade que contribui para a formação do juízo estético, como define Immanuel Kant, promovendo autonomia onde apreensão espontânea no que tange a beleza e ao sublime são parte da natureza humana (KANT, 1997).

A estética não está atrelada necessariamente a um tipo, mas passa por padrões definidores que se sustentam principalmente em crenças que proporcionam aos indivíduos a capacidade de estabelecer julgamentos. Baseia-se em construções que alcançam níveis culturais sustentadas por “verdades” que podem mudar ou são sustentadas pelo conforto de alguns às custas do desconforto de outros. Com base nesse desconforto deseja-se trabalhar algumas questões neste texto relativas aos elementos estéticos que definem padrões ao longo de séculos no Brasil e provoca a exclusão de grande parte da população que não goza desses privilégios.

O processo de exclusão no Brasil foi forjado em vários momentos como escravidão, exploração da classe trabalhadora, acúmulo de bens e, principalmente, na naturalização da superioridade de alguns seres humanos sobre os outros, somando-se ainda elementos que envolvem a esfera racial, fobias e mutações de práticas que auxiliaram na perpetuação deste modelo que não reconhece o outro como igual (MOREIRA e MARTINELLI, 2023). Desta forma, pretende-se buscar o conceito estético com base em elementos filosóficos a partir de Aristóteles (2002) e Vattimo (2020) para ofertar abordagens sobre o belo nas suas diversas concepções. Adorno

⁴ “*Thauma*”, expressão grega que se associa a “admiração”, “espanto” e “maravilhamento”. Para saber mais acessar: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/59280/32576>.

(2006) também contribui para o debate, demonstrando que muitas vezes esse processo estético resulta em elementos totalitários e opressores que culminam no processo de exclusão.

A partir de recortes que trabalham a questão da estética na história, busca-se, através de algumas situações históricas que oportunizaram questionamentos como o de Bauman ao demonstrar que dependendo do contexto o belo deixa de ser. Vide seus exemplos baseados no “Mal-Estar da Pós-Modernidade” (1998) até o conceito de aporofobia⁵ sustentando por Cortina (2020).

A partir de questões sociais brasileiras que produziram exclusão, desigualdade e opressão foram forjadas, desde o período colonial, e se sustentam até o século atual, pensamentos de Faoro (2012), Holanda (1995 e 2012) e Leal (2013) em conjunto com outros autores auxiliam no entendimento da sedimentação da estética do domínio e despromoção da estética do outro. O homem cordial que se reconhece nos seus iguais e a apropriação do estado para fins patrimonialistas são instrumentos que corroboram com a promoção da estética colonial solapando não só os que foram escravizados no passado, mas os pobres que são rejeitados por não serem elitizados. Desta forma, fazem dos excluídos enquadramentos como massa de manobra a ser manipulada pelo coronelismo, populismo e clientelismo político.

A reflexão sobre como a estética ainda é um ponto sensível do país ocorre buscando evidenciar como essas questões têm sido enfrentadas e as fobias que ganham espaço sustentando a exclusão dos que esteticamente não são reconhecidos como cidadãos no judiciário, no mercado de trabalho e, tão somente, no seu direito de existir: Mendigos, drogados, flanelinhas, pessoas que destoam da estética do “sucesso capitalista” tornam-se, como afirma Arendt (1963) descartáveis e sem lugar no mundo. Famintos, apátridas, pessoas em situação de rua que “*enfeiam a estética das cidades*”, são um problema para a afirmação dos gestores públicos, basta lembrar a relação da cidade de São Paulo com a área denominada de “cracolândia” e a perseguição ao Padre Júlio Lancelotti⁶ em seu trabalho junto a essa população perseguida que não “embeleza” as cidades.

137

1 BREVE CONCEITO DE ESTÉTICA E FILOSOFIA

Quando abordado, o tema Estética, inevitavelmente abre-se o universo que tocará em muitos temas relacionados com o assunto. Mas no que diz respeito ao belo

⁵ *Aporofobia* deriva do grego “à-poros” (sem recurso, indigente, pobre) e “fobos” (medo) dado origem a um neologismo cunhado pela escritora espanhola Adela Cortina que diz respeito ao desprezo e rechaço pela pessoa pobre. Está associado principalmente a quem não pode entregar algo (principalmente no aspecto econômico) em troca fazendo-se excluído de um mundo onde essas trocas são naturalizadas. Para saber mais leia Aporofobia, 2020.

⁶ Julio Lancelotti, padre da Igreja Católica do Brasil, pedagogo de formação acadêmica e notável na luta referente a população de rua com grande engajamento na Pastoral do Povo de Rua. Hoje é o principal expoente da luta do pobres e desassistidos não só na cidade de São Paulo mas no Brasil inteiro recebendo inúmeros prêmios e homenagens, como a que se segue no link: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/08/29/lula-condecora-padre-julio-lancellotti-com-medalha-da-ordem-da-justica.htm>

e ao feio, questões imagéticas são um dos primeiros pensamentos. No entanto, este tema já advém há mais de dois milênios ocupando espaços reflexivos na cabeças gregas e macedônias.

A partir de Aristóteles temos como ponto de partida o desenvolvimento do conceito de estética do qual o texto aborda. Pois o conceito de organismo foi criado pelo filósofo grego que também retrata a evolução da vida que se transforma ao longo do tempo (OLIVEIRA, 2009). Antes mesmo da definição da “estética”, Aristóteles aborda tal tema através das perspectivas científicas, como na matemática (ARISTÓTELES, 2002), nas questões referentes a “Eudaimonia”, no que diz respeito a felicidade do homem (Ética a Nicômaco), onde fala desses elementos atrelando-os exclusivamente aos homens e negando aos animais. Abordando, principalmente, o viés intelectual do equilíbrio do prazer, da felicidade, na lógica e, também, na visão suprema que estão direcionadas a aspectos contemplativos aos olhos dos homens: astros e planetas. Estes últimos associados à beleza suprema (OLIVEIRA, 2009). Ou seja, todos esses elementos são fundamentais para compreender a visão aristotélica que estão associados a elementos no contexto de imagens.

Através do ponto de vista de Gianni Vattimo, que demonstra clara preocupação com a estética a partir do ponto de vista artístico (MIRANDA, 2020), é possível tomar alguns conceitos emprestados para formular o pensamento estético que se forma, e se sustenta, ao longo do tempo. Para Vattimo (2020), ao realizar uma análise do conceito de estética a partir de Ética a Nicômaco, ele entende que mesmo com as duas divisões da alma (racional e irracional). Se relacionado aos aspectos artísticos do ponto de vista ético e intelectual, o valor autônomo não existe. Só existe do ponto de vista contingenciado a partir da finalidade política que ela assume (MIRANDA, 2020). Ou seja, a estética assume um papel a partir do que se observa, do que se comunica, do que é visto e interpretado por quem está absorvendo a imagem.

É possível perceber que a estética esteve conectada a temas sensíveis. Por exemplo, segundo Sulamita Lino, a partir de “*Experiência Estética do Feio nas Artes Pictóricas*”, ao tratar de elementos que são notabilizados de forma oposta ao belo, ao sublime, ao que apetece os sentidos e proporciona experiências confortantes e aprazíveis. Ou seja, o belo nunca existiu sem o feio, o repulsivo ou, tão simplesmente, o que não nos atrai esteticamente (LINO, 2020). E com base nisso, a estética de Adorno demonstra claramente em sua teoria que o feio está relacionado ao arcaico, ao primitivo e é combatido a partir das vanguardas do estado totalitário (ADORNO e HORKEIMER, 2016 p.27). Ou seja, conceituando também com questões sociais é possível compreender que a estética serve de norte em situações que apresentam aspectos de repulsa e gera exclusões dentro da nossa sociedade.

Para melhor compreensão é importante promover um giro através de alguns recortes históricos para refletir sobre o problema estético ao longo do tempo e como essa discussão promove a dissociação de uns para outros de forma excludente demonstrando superioridade na relação entre pessoas privilegiadas e pessoas oprimidas.

2 ESTÉTICA AO LONGO DA HISTÓRIA

A história demonstra que elementos estéticos sempre auxiliaram na sua condução, na construção de suas narrativas. Zygmunt Bauman contribuiu cirurgicamente com questões que auxiliam no entendimento a partir de elementos estéticos que traz em sua obra. No livro *“O Mal-Estar da Pós-Modernidade”*, Bauman (1997) através de ponderações que retratam contextos sociais em que cada coisa, situação e elemento, deve estar inserido no seu local específico, em conformidade com o que se espera dela: *“As coisas que são “suja” num contexto podem tornar-se puras por serem colocadas num outro lugar – e vice-versa.”* (BAUMAN, 1997, p.9).

Bauman (1997) segue exemplificando elementos que geram a repulsa do olhar, do estranhamento através da perspectiva estética relacionada ao local incomum quando: *“Sapatos magnificamente lustrados e brilhantes tornam-se sujos quando colocados na mesa de refeições. Restituídos ao monte dos sapatos, eles recuperam a prístina pureza.”* (BAUMAN, 1997, p.9). E, complementa de forma brilhante quando: *“Uma omelete, uma obra de arte culinária que dá água na boca quando no prato do jantar, torna-se uma mancha nojenta quando derramada sobre o travesseiro.”* (BAUMAN, 1997, p.9). Ou seja, através deste último exemplo, é possível compreender que qualquer desconforto se dá de forma maior quando acontece justamente no seio onde o repouso ocorre. Para ilustrar de forma prática, através da história do mundo, e do Brasil, podem-se apontar inúmeras questões que se justificam pela estética que não agrada e a repulsa pelo que não é belo. No entanto, cada uma delas está associada principalmente a elementos que dentro do seu contexto geraram repulsas.

Ao longo da história, principalmente após o século XV, devendo-se aos impulsos econômicos, as expansões ultramarinas foram elementos motrizes, principalmente nas américas, para desencadear problemas de dominação de um povo sobre outros povos graças a elementos estéticos (FANON, 1961). Já em 1444, na cidade de Lagos, pequeno vilarejo da região do Algarve, tem-se o primeiro leilão de pessoas negras promovido por dom Henrique, quinto filho do então Rei dom João I. Era uma carga de 235 homens, mulheres e crianças, que serviriam de escravizados em inúmeras áreas (GOMES, 2019).

Através de Goldenberg (2003) é possível alcançar o entendimento sobre o *“Mal de Cam (Ham)”*, Posição que evidencia a escravidão negra como um fato relevante diante da história sustentada até mesmo no livro bíblico Gênesis (9:22-27) informando que o personagem ou figura bíblica de Cam seria escravo dos seus irmãos. Ou seja, ao ser deixado pelos seus, teria contaminado um povo com a sua “maldade” e tornado essas pessoas negras (GOLDENBERG, 2003). Estando em elementos bíblicos seria mais fácil sustentar o racismo por instituições religiosas como a Igreja Católica que durante muitos anos apoiou de forma irrestrita a escravização de pessoas negras só pela sua estética e isentou o indígena, posteriormente ao início das missões, por entendê-lo como “cristão selvagem” (GOMES, 2019).

A questão estética teve forte relevância associada ao contexto alemão no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial. Pois Hannah Arendt (1951), em sua obra: *"A Origem do Totalitarismo"*, retrata os caminhos comuns percorridos por um regime que deu início ao movimento que também tem base em aspectos estéticos: o nazismo, que baseado em uma visão de preconceito e antissemitismo, defendia o extermínio dos povos não arianos e "puros", praticando o genocídio de aproximadamente doze milhões⁷ de pessoas que não atendiam a sua estética. Povos supérfluos e descartáveis são a tônica do pensamento "Arendtiano" ao retratar uma estética totalitária e excludente que protagonizada pelo estado tornou viável as atrocidades realizadas contra o povo judeu (ARENDT, 2006).

Abordando o tema dos povos escravizados, é importante destacar que a população ameríndia foi alvo de elementos estéticos proporcionados por uma visão eurocêntrica que a condicionou ao trabalho somente pela diferença. É preciso ressaltar que os indígenas foram os primeiros escravizados no Brasil; eram perversamente capturados pelos bandeirantes, tratados como "heróis" na historiografia eurocêntrica. Mas Frantz Fanon (1961) em sua obra: *"Condenados da Terra"* mostra que as dominações passavam pelo campo estético. Ou seja, tudo que fosse diferente do colonizador não tinha vez e nem espaço (FANON, 1961).

Para Fanon (1961) alguns dos elementos que mais contribuíram para as ações desenfreadas contra os povos colonizados, estão associados, predominantemente, ao capitalismo (FANON, 1961, p.61). É importante destacar que muitos sofrimentos ocorreram às populações colonizadas: desterritorialização, demonização da cultura e das crenças dos colonizados, imposição da língua europeia, imposição do cristianismo, entre outros elementos de desqualificação do colonizado. No entanto, sofrimentos de ordem física e psíquica foram fundamentais neste trabalho de extração de mercadorias determinando o enriquecimento do colonizador através da tortura e da desumanização do colonizado (AMARO, 2023).

Para falar de Brasil é importante tecer algumas ponderações como o tempo de existência do país. São 524 anos de existência do maior país da América Latina, que também tem ainda o marco de 388 dedicados de forma integral a escravidão de indígenas e, na sua maior parte, da população negra (GOMES, 2019). Escravidão que focou não somente nos interesses capitalistas, mas na sustentação de práticas que, pela estética, inferiorizava a população negra. Esta, por sua vez, era remetida às piores humilhações ao ponto de entender como "*natural*" tais práticas de dominação. O que se deu através de um processo de internalização da sua inferiorização pela questão racial, num processo perverso de alienação, cujo objetivo era mantê-los servis e subservientes.

Com a chegada de 1888: (*assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel*) que denotou o "*fim da escravidão*" do ponto de vista legal, a população negra foi trocada por outra população que diferia esteticamente: os imigrantes. População essa que assumiu status de trabalhadora assalariada devido a sua estética. Para isso é importante citar

⁷ Dados apresentados no Julgamento de Nuremberg que julgou líderes nazistas. Entre os assassinados estavam aproximadamente seis milhões de judeus, e o restante entre: Ciganos, homossexuais, pessoas com deficiência, testemunhas de Jeová, comunistas, sindicalistas, criminosos comuns, entre outros.

um dos principais expoentes nesta empreitada estética: Arthur Gobineau⁸ que defendia a mestiçagem como degeneração das raças: *“O resultado da mistura é sempre um dano”* (Apud, SCHWARCZ, 2005, p.50). Permanecendo na cidade do Rio de Janeiro por quinze meses, o seu olhar sobre a população local endossava sua posição sobre a inferioridade das populações *“mestiças”* e negras: *“Trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito assustadoramente feio”* (Apud, SCHWARCZ, 2005, p.13). Ou seja, visões como essas foram se enraizando na população local devido às suas crenças e visões superiores à população escravizada ao ponto de sedimentar a exclusão com a negação de qualquer direito após a abolição (GOMES, 2019).

A estética sempre ocupou posição destacada no país inteiro. Mas em Minas Gerais, por exemplo, nas décadas de 1920 e 1930, houve um movimento bastante engajado acerca da educação estética. Nádia Rezende em sua obra: *“A Educação estética no debate pedagógico em Minas Gerais”* aponta aspectos que enfatizam a estética como elemento que auxiliaria no *“up grade”* da população: *“A autora constatou que a educação estética preconizada para o povo era embasada no diagnóstico das elites de que nas populações prevalecia a falta de gosto e a ausência de sensibilidade para a percepção da beleza”* (REZENDE, 2023, p.6). Este trabalho geraria desdobramentos que contribuiriam para uma população mais aceitável: *“Assim, subjacente às proposições de educação estética elaboradas no período, percebemos um projeto de educação dos sentidos, do gosto e das sensibilidades do povo, segundo padrões almejados”* (REZENDE, 2023, p. 6).

Percebe-se que aspectos estéticos não se limitam apenas ao físico, mas a postura com que as pessoas se posicionam diante do outro. Por trás de todo trabalho pontuado na educação estética em questão, destaca-se o posicionamento burguês predominante no Brasil (RESENDE, 2023). Elementos que são atrelados a concepção estética através do viés capitalista são questionados principalmente por Glauber Rocha⁹ em *“Estética da Fome”*. Movimento de grande relevância que protagoniza, a partir do cinema novo, questões sociais e o prisma estético: *“No manifesto: “Estética da fome” Glauber Rocha propõe que o Cinema Novo, enquanto arte engajada e revolucionária, teria o papel de mostrar aos exploradores, classe média urbana incluída, as consequências da miséria social e, conseqüentemente, do subdesenvolvimento...”* (JUNIOR e GUSMÃO, 2021).

Através deste recorte histórico é possível perceber que não só no Brasil, mas em todo mundo a estética possui clara interferência na forma como se divide a sociedade. Segundo Cortina (2020) em sua obra: *“Aporofobia, aversão ao pobre”*, é possível compreender quando diversas realidades sociais precisam de nomes para sustentar as diferenças que separam uns dos outros. No entanto, as brumas do

⁸ Arthur Gobineau foi um dos mais relevantes racistas do século XIX. Seus pontos eram disseminados com base em racismo científico que afetavam de forma diretamente a população negra. Portanto foi um dos fortes incentivadores da imigração europeia no Brasil.

⁹ Glauber Rocha, cineasta brasileiro considerado por diversos críticos com um dos maiores da no cenário nacional. Notabilizou-se no cinema por ser um dos grandes expoentes do cinema crítico e de vanguarda dando norte ao Cinema Novo.

anonimato sustentam, por muito tempo, a naturalidade de elementos que são sedimentadores de práticas ideologicamente naturalizadas. Onde as classes dominantes valem-se desses elementos para seguir mantendo a dominação (CORTINA, 2021, p.24).

Através deste “passeio” pelas referências estudadas, entende-se que muitas atitudes e ações, injustificáveis, ficam associadas a um passado de dominação e violência social cravada na história. Mas trazendo elementos da contemporaneidade como o caso recente que ganhou as redes sociais, sites de notícias e mídia televisiva, quando um casal, ela argentina e ele brasileiro, em um samba do grupo PedeTeresa na cidade do Rio de Janeiro, dançavam imitando macacos¹⁰, numa clara manifestação racista de se comparar a comunidade de pessoas negras aos macacos. Ou seja, práticas que tocam no viés estético ainda são deliberadamente usadas pelo viés discriminatório estético. Elas são vistas de forma recorrentemente mesmo com todo posicionamento contrário e com leis que ganham mais rigor. Desta forma, deseja-se compreender por que no Brasil esse tipo de situação é tão enraizada quando já nos encontramos no século XXI?

3 POR QUE A ESTÉTICA NOS SEPARA?

Razões para diferenciar pessoas pela estética não é algo incomum no Brasil. A história do país evidencia que questões estéticas auxiliaram no processo de formação da exclusão social do Brasil. Essa prática não era apenas deliberada de alguns indivíduos, mas formada através do caráter social brasileiro que se constituía com bases em elementos que partiam do racismo, da misoginia e até das fobias as quais ao longo do tempo sempre foram suscetíveis a mudanças para perpetuar práticas incabíveis na conjuntura social.

Gilberto Freire em sua obra “Casa Grande Senzala” (1933) contribuiu para a perceptividade da distância separatista promovida não apenas no Brasil, mas que antecede além-mar. A naturalização do negro como mercadoria para fins laborais evidencia a distinção clara e plástica que se naturalizou (GOMES, 2019). Em solo brasileiro Gilberto Freire evidencia que: “*Sociedade que se desenvolveria defendida menos pela consciência de raça quase nenhuma do português cosmopolita e plástico, do que pelo exclusivismo religioso desdobrado em sistema de profilaxia social e política*” (FREIRE, 2015, p.79). Ou seja, ecos do passado foram norteadores para a consciência estética do brasileiro do período colonial já trazido pelos colonizadores. A questão religiosa cede o espaço para questões que vão fundamentando suas estruturas científicas e positivistas de cunho deterministas nos campos: biológico, ambiental e climático. Figuras como Cesare Lombroso, Enrico Ferri e, no Brasil, Silvio Romero e Raimundo

¹⁰ Situação ocorrida em uma Roda de Samba promovida pelo Grupo PedeTeresa onde os integrantes do grupo e organizadores são negros e possuem grande letramento racial não tolerando qualquer forma de racismo. Incidente protagonizado por uma argentina e um brasileiro que dançavam indiscriminadamente como macacos agredindo deliberadamente não só as pessoas, mas ao ambiente onde de encontram. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/casal-que-imitou-macacos-em-roda-de-samba-e-investigado-no-rio> . Acesso em 23 de julho de 2024.

Nina Rodrigues foram ouvidos e aceitos na construção dessas justificativas discriminatórias e racistas (ALMEIDA, 2019)

No entanto, através de teorias que sustentavam que o subdesenvolvimento do país estava vinculado ao seu prisma estético (SCHWARCZ, 2005) ao fim do período colonial a troca de mão de obra significa renovação e desejo de seguir adiante com o projeto de desenvolvimento nacional proporcionando a naturalização da exclusão. Naturalização apoiada integralmente pela sociedade que não reconhecia quem não fosse esteticamente igual: *"Cala boca, negra, eu não te arranquei do tronco, do vira mundo, do bacalhau, da escada da gargalheira e da senzala para sofrer desaforo teu."* (Francisco Nardy Filho, Apud, GOMES, 2022).

Depois do período colonial, mais precisamente a partir do início século XX, encontramos marcos dos pensamentos que evidenciam o quanto as práticas de diferenciações estéticas foram fundamentais para a manutenção do *"status quo"*¹¹ no país. Mas não bastava as diferenciações no cunho racial, mas também as diferenciações de classe que foram acentuadas. Sergio Buarque de Holanda em sua obra: *"Raízes do Brasil"* (1936) destaca que é perceptível que os elementos diferenciadores foram estabelecidos. Ou seja, assim como as monarquias europeias protagonizaram com claras distinções de seres que não pertenciam a esferas sociais e dinásticas, no Brasil o desenho já estava pré-definido desde as distribuições das capitanias hereditárias (ANDRADE, 1986).

143

Sergio Buarque de Holanda aponta fato relevante que diferenciaria as classes de forma bastante clara: o fenômeno industrial separador de empregadores e empregados nos processos de manufaturas (HOLANDA, 1995). Este fenômeno em solo brasileiro proporciona o distanciamento entre pessoas. Ou seja, acumulação de bens para os patrões, salários deficitários aos empregados e os encontros apenas em ambientes de trabalho (dependendo da ocasião). O encontro, a divisão de ambiente, que eram comuns nas pequenas corporações de ofício, escancaram a distância que resultará no afastamento do empregador que não deseja ser semelhante ao empregado e o assalariado que não terá condições de ser semelhante ao dono de suas empresas graças ao baixo salário que recebe.

Além do aspecto econômico há um movimento bastante natural de descolamento do que esteticamente não é atrativo. Ou seja, reflete-se na questão urbanística delimitando, nas grandes metrópoles, espaços de quem economicamente pode viver bem e quem será excluído para ambientes periféricos. Cabe uma breve análise sobre o quilombo como espaço que não era apenas esconderijo para negros que fugiam das fazendas no passado. Este também foi espaço de acolhimento aos excluídos mesmo com predominância negra. Pois havia pessoas brancas de credos religiosos diferentes, pessoas que fugiam de outras e lá ficavam para preservar a sua vida e inúmeros outros casos que ressaltam aspecto excludente das elites e o acolhedor dos excluídos (CAMPOS, 2010).

¹¹ Expressão latina que significa Estado das Coisas e denota a perpetuação de algo descaracterizando a vontade, de alguma parte, de que isso mude.

Um dos catalisadores das questões sociais, o quilombo surge como uma das opções de análise que possibilita o entendimento de cultura, política discriminação socioespacial e, desde sempre, a criminalização dos que lá habitam. Desde então, próximos aos espaços urbanos, principalmente após a abolição, continuam a ser ocupados em detrimento do atendimento das demandas de trabalhos locais (CAMPOS, 2010). Diferente dos ambientes pontuados, a formação do indivíduo, segundo Holanda, a velha civilização européia se faz presente principalmente na herança cultural estabelecida na vida intelectual com a busca dos pais enviarem seus filhos para obter conhecimentos em países europeus e manter uma estética semelhante à dos colonizadores (HOLANDA, 2012).

Raymundo Faoro contribui com o debate proposto apresentando questões relacionadas ao patrimonialismo. Ou seja, na formação do estamento burocrático é possível ver a apropriação dos aparatos políticos, administrativos em prol de benefícios próprios (FAORO, 2012). Associando a formação do “Homem Cordial” de Holanda (1936) para compreender-se que a não distinção entre estado e família, o público e o privado e, principalmente fazendo do estado a sua casa oferecendo oportunidades para os seus e não para quem ele julga diferente (HOLANDA, 2012). Neste caso, o estado era formado por membros da elite brasileira que seguiria atendendo as elites brasileiras, a serviço dos seus interesses e de seus protegidos. Fato que se sustenta também em elementos estruturados em meritocracia, discriminação, ideologia e bases culturais que consolidam a acentuação das diferenças estéticas e negação do que não é semelhante fisicamente e, muito menos. economicamente (ALMEIDA, 2019).

144

A estética desses homens não se assemelhava a maioria. Como a célebre frase de Nicolau Maquiavel (1532): “Aos amigos os favores, aos inimigos o rigor da lei.”, através do uso da máquina estatal em pequenas cidades, não se pode deixar de citar o regime coronelista que vigora até os dias atuais. Victor Nunes Leal através do seu estudo demonstra de forma bastante clara as práticas coronelistas e quem era esse público que frequentemente estava na alça das práticas (LEAL, 2012). O resultado dessas práticas alcança as artes nas pinturas de Portinari, as xilogravuras obras de J. Borges, nos versos de Patativa do Assaré quando diz respeito a necessidade de abandonar o seu chão, João Cabral de Melo Neto em Vida e Morte Severina e, também, na obra de Graciliano Ramos que não só escreve mas faz ver nas suas letras a busca de oportunidades em ambiente desconhecido, que mais tarde, se descobrirá repleto de elementos fóbicos fazendo uso da estética para segregar (XAVIER, 2020). Destaca-se que a literatura brasileira nos exemplos de dominação pela força da opressão e na substituição dos direitos pelos privilégios das elites dominantes, das capitanias hereditárias aos dias atuais.

Josué de Castro nas suas muitas obras ilustra o problema da fome de forma bastante clara e objetiva. Em seu clássico “Geografia da Fome” (1946), demonstra que apesar da má alimentação ser resultante de questões que partem da natureza, ela possui o seu principal estímulo nas questões político-econômicas (2022). A vontade política de combater a fome, denunciada por Josué de Castro, não ocorre senão para atender os interesses particulares. Um bom exemplo para isso, principalmente

associada a estética da fome é o *“Quarto de Despejo”*, obra de Carolina de Jesus (1960). O diário de uma favelada ilustra as dificuldades da fome, da moradia, da salubridade e de elementos estéticos das quais são comparados o tempo todo com pessoas que vivem em situações mais confortáveis. A autora diz: *“Os políticos só aparecem aqui no quarto de despejo, nas épocas eleitorais.”* (JESUS, 2014, p.42). E por fim sintetiza o que é um quarto de despejo: *“A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo”* (JESUS, 2014, p.98).

A partir desta exposição compreende-se que a questão estética no Brasil é também um problema social que define o lugar de cada um dependendo do contexto dentro da sociedade. Inúmeros desdobramentos ocorrem graças ações como estas. Mas cabe recortes dentro da esfera universitária, mais especificamente na PUC-Rio, onde na década de 90 diversos embates ocorreram em virtude da tipificação física dos alunos e alunas bolsistas que passaram a integrar o corpo discente da instituição. A PUC-Rio sempre se notabilizou não só pela sua incomparável qualidade acadêmica, mas pelo seu trabalho vanguardista de inclusão através da educação oferecendo oportunidades de estudo integralmente gratuita para alunos e alunas oriundos das zonas periféricas da cidade e estado do Rio de Janeiro e, em alguns casos, de outros estados do Brasil (MARQUES, 2023). Muitos embates ocorreram graças ao “estranhamento” destes novos alunos e alunas da universidade que, muitas vezes, negras ou negros, brancas ou brancos impactavam por apenas não ter a estética esperada.

As questões das cotas nas universidades públicas geraram grandes embates do ponto de vista social no país. Um dos fatores que mais pesam neste sentido foi o critério. Todos os ataques promovidos aos estudantes que seriam beneficiados pela cota eram de cunho racista e aporofóbico enfatizando a falta de capacidade e, até mesmo, afirmação de que a vaga era dos estudantes que tinha condições de disputá-las (AZEVEDO e FONSECA, 2020). Ou seja, a estética das pessoas que sempre foram excluídas incomoda principalmente quando elas estão fora do ambiente de onde se espera que elas estejam (BAUMAN, 1997). São suportadas desde que não transgridam ao disputar os espaços historicamente e estruturalmente destinados aos representantes das elites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos da complexidade do tema que apresentamos; realizamos um recorte para a partir dele enfatizar que um dos principais problemas da questão que tange a exclusão pela estética no Brasil é a inserção social dos excluídos. Nessa perspectiva trazemos alguns pontos importantes para este debate.

O primeiro ponto do problema está incrustado na cultura brasileira, tem raízes no processo de europeização cultural, assola milhares de brasileiros, e especial as brasileiras, que é a prática da solicitação da “boa aparência”, principalmente para os bons cargo e empregos. Se o termo não é mais escrito, por ser ilegal, continua como uma prática de segregação: seja racial ou socioambiental, valendo salientar os

emergentes estudos sobre racismo ambiental. A boa aparência define-se na sua grande maioria, por pessoas que não deveriam ser negras, obesas, com deficiências e isentas de quaisquer estigmas relacionados ao corpo (THEBALDI, 2020). Desta forma compreende-se que a discriminação estética segue pouco teorizada na literatura brasileira, e sua necessidade de visibilidade se justifica pela realidade que retrata a permanência das práticas perenes na vida social que usam a aparência como critérios de seleção e inclusão, de acesso aos direitos ou privilégios sociais, naturalizadas contra mulheres e pessoas de grupos subalternizados (MOREIRA e MARTINELLI, 2023).

As práticas estão relacionadas também ao culto ao corpo como elemento que demonstra saúde, qualidade de vida e alimentação adequada caracterizando um processo ditatorial entre jovens do sexo masculino e feminino. Mas cabe ressaltar que as mulheres são vítimas dessa violência direta que não enxerga nos corpos cultuáveis desleixo, descaso, olhares machistas, misóginos e estereotipados (RIBEIRO e WEBER, 2020). Posturas como estas vinculam o físico a intelectualidade: o primeiro critério é a estética e não o conhecimento (MOREIRA e MARTINELLI, 2023).

As questões pontuadas refletem na população através de dados estatísticos demonstrando as diferenças entre estéticas raciais. Em dados publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, no ano de 2021 a taxa de pobres, considerando a linha de pobreza monetária do Banco Mundial, no Brasil era de 18,6% entre brancos e entre pretos e pardos somavam 72,9% (IBGE, 2022). As diferenças também refletem na taxa de desocupação e rendimento médio econômico demonstrando que os impactos causados pelas diferenças estéticas vibram de forma intensa, como quem está ocupando cargos dentro do mercado de trabalho. Segundo o IBGE, mais da metade da população trabalhadora, 53,8%, são pretos ou pardos. Mesmo assim, apenas 29,5% dos cargos gerenciais são ocupados por eles enquanto brancos ocupam 69% (IBGE, 2022). Por mais que as metas de muitas empresas sejam ter pessoas esteticamente diferentes do habitual ocupando cargos gerenciais a médio e longo prazo, os requisitos impostos são questionáveis demonstrando desconhecimento da história e da realidade brasileira.

Quando assunto é moradia e terra, desdobramentos relacionados a aspectos de poderio econômico, essas diferenças se fazem presente também. A insegurança da moradia é retratada com 40,5% de pessoas negras e pardas residentes de domicílios que não possuem documentação de propriedade, enquanto o de pessoas brancas é 4 vezes menor com apenas 10,1% delas em situação análoga. Enquanto 79,1% de pessoas brancas são proprietárias de terras com mais de 10 mil hectares, apenas 17,4% de pessoas pardas e 1,6% de pessoas negras estão em situação semelhantes (IBGE, 2022). Juntando pretos e pardos não se chega à quarta parte que a população branca possui. Isso demonstra que as condições de equidade entre pessoas com diferentes estéticas nos aspectos moradia e terras são inexistentes.

O terceiro e último ponto destacado, a violência, revela faces tão cruelmente díspares quanto as das outras. Para compreensão deste “fenômeno produzido de forma histórica, Achile Mbembe (2016) defende que as visões sobre “biopoder” definem quem irá viver ou morrer e quais são esses corpos matáveis a partir de um

padrão estético (MBEMBE, 2016). Isso leva a crer que há uma estética definida pelo estado brasileiro vulnerável a “infortúnios” contra a sua própria vida. Com base no Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024 a possibilidade de um homem negro morrer é quatro vezes maior que um homem branco. Pois 82,7% dos homens negros assassinados pelo estado brasileiro 72% são jovens com idades entre 12 e 29 anos (2024). E quando não ocorre as mortes as punições e humilhações se seguem com o encarceramento em massa com equívocos de prisões mais frequentes entre pessoas com a estética negra e parda (BORGES, 2019).

A violência assume contornos desumanos promovida pelo poder público em pleno 2024 quando a Câmara Municipal da maior e mais importante cidade do país, São Paulo, aprova em primeira votação a proibição de doação de alimentos para moradores de rua sob pena de multa em R\$ 17,000,00 para quem descumprir. Mesmo o projeto deixando de seguir graças a repercussão pública, só o fato de a proposta partir da casa legislativa e ter sido aprovada revela grande necessidade de preocupação com as pessoas que esteticamente incomodam os parlamentares. Atitudes como estas revelam a passagem da exclusão para um nível mais drástico como a eliminação pela fome assim como já ocorre em territórios historicamente criminalizados: eliminação por violência direta praticada pelo estado (MBEMBE, 2016). Fato que se choca com a Constituição Brasileira que garante o direito a alimentação a qualquer cidadão do país¹².

147

Inúmeras questões caberiam nessa reflexão. Mas buscando estimular outros diálogos, reconhece-se que a estética subalternizada sobreviveu, e sobrevive, a práticas perversamente duras demais para sucumbir diante de desejos desumanos e excludentes. Com todas as limitações há embates que sustentam o desejo de mudanças e combate à exclusão assim como é feito através deste texto.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Ed. Zahar. RJ. 2006.
- ALMEIDA, S. L. de. *Racismo Estrutural*. Coleção Feminismos Plurais - São Paulo ; Polén, 2019
- AMARO, F. O. Epistemologias de resistência: estratégias de enfrentamento da opressão colonial. *Revista Antropolítica*, v. 55, n. 2, Niterói, e57552, 2. quadri., mai./ago., 2023
- ANDRADE, M. C. de. *A terra, e o homem no Nordeste*. Ed. Brasiliense, 1986.
- Anuário Brasileiro de Segurança Pública / Fórum Brasileiro de Segurança Pública*. – 1 (2006)- . – São Paulo: FBSP, 2024.
- ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo – São Paulo, Ed. Schwarchz. 1998
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4ª edição – São Paulo. Ed. Nova Cultural, 1991.
- _____. *Metafísica*. Ed. Loyola, São Paulo, 2002
- BAUMAN, Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Ed, Zahar, RJ. 1998.
- BÍBLIA SAGRADA. <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/9/22-27>

¹² De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) o Artigo 6º defende que: “São direitos sociais a educação, a saúde, alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (Constituição da República Federativa do Brasil, 2022)

- BORGES, J. *Encarceramento em massa*. Coleção Feminismos Plurais - São Paulo ; Polén, 2019
- CASTRO, J. de. *Geografia da fome : O dilema brasileiro : pão ou aço* / Josué de Castro ; apresentação Milton Santos ; prefácio a esta edição Silvio Almeida. — 1. ed. — São Paulo : Todavia, 2022.
- CAMPOS, A. *Do Quilombo à Favela – A produção do “Espaço Criminalizado” do Rio de Janeiro – 3ª Edição* – Rio de Janeiro: Ed, Bertrand Brasil, 2010
- CORTINA, A. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. Adela Cortina; tradução de Daniel Fabre – São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- FANON, F. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- FARAMELLI, A. *A Estética da Descolonização em Psicoterapia: Psicoterapia Institucional e o Paradigma Ético-Estético de Fanon*. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, RS, v. 25, n. 44, jul-dez. 2020. ISSN 2179-8001.
- FAORO, R. *Os donos do poder – Formação do patronato político brasileiro – 5ª ed.* – São Paulo – Ed. Globo, 2012.
- FERREIRA, G. L. *Os Retirantes de Portinari: uma estética da miséria, da fome e da morte. Ekstasis: Revista De Hermenêutica E Fenomenologia*, 2023, 12(1), 179–201.
<https://doi.org/10.12957/ek.2023.66801>.
- FREIRE, G. *Casa Grande & Senzala – Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 50ªed. São Paulo: Global, 2005.
- GANDRA, A. *Casal que imitou macacos em roda de samba é investigado no Rio*. Agência Brasil 22 de julho de 2024, Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/casal-que-imitou-macacos-em-roda-de-samba-e-investigado-no-rio> . Acesso em 23 de julho de 2024.
- GOLDENBERG, D. M. *The curse of Ham : race and slavery in early Judaism, Christianity, and Islam*. Princeton University Press. Oxfordshire OX20 1SY. 2003.
- GOMES, Laurentino. *Escravidão – Volume I – Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- _____. *Escravidão – Volume III – Da Independência do Brasil à Lei Aurea*. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.
- HOLANDA, S. B. de. *O Homem Cordial*. Ed. Schwarchz: – São Paulo – 2012.
- _____. *Raízes do Brasil*. 26ª edição – São Paulo – Ed. Companhia das Letras. 1995.
- HONÓRIO, G. Câmara de SP aprova em 1ª votação projeto que prevê multa de R\$ 17 mil a quem doar comida a moradores de rua; entenda. G1, 27 de junho de 2024, Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/06/27/camara-de-sp-avanca-com-projeto-que-pode-dar-multa-de-r-17-mil-a-quem-doar-comida-a-pessoas-em-situacao-de-rua-entenda.ghtml> Acesso em 25 de julho de 2024.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Desigualdade Social por Cor ou Raça - 2ª edição*, RJ, 2022.
- JESUS, M. C. de. *Quarto do despejo – Diário de uma favelada*. 10ª ed. Ed. Ática, 2014.
- JUNIOR, J.F. e GUSMÃO, M. S. *Memória, estética e política no documentário Maranhão 66, de Glauber*. Arquivos do cmd, v. 09, n. 01, jan/jul 2021.
- KANT, I. *Crítica da Razão Prática*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 1997.
- LEAL, V. N. *Coronelismo, Enxada e Voto*. Cia das Letras, 7ªed., 2013
- LINO, S. F. *A experiência estética do feio nas artes pictóricas*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Filosofia. 2020.
- MARQUES, B. M. *Derrubando Barreira: 30 anos da política de bolsas de estudo da PUC-Rio para estudantes da periferia (1993-2023)*. Letra Capital, RJ – 2023.
- MBEMBE, A. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. N-1 Edições, Rio de Janeiro 2018.

- MIRANDA, L.U. *A estética filosófica de Gianni Vattimo*. Kriterion, Belo Horizonte, nº 149, Ago./2021, p. 459-480.
- MOREIRA, J.A. e MARTINELLI, G. D. Discriminação Estética. *Rev. Direito e Práx.*, Rio de Janeiro, Vol.14, N.03, 2023, p.1934-1959.
- OLIVEIRA, J. V. G. *Estética em Aristóteles*. Phoinix: UFRJ (2009), v. 1, p. 20-32.
- REZENDE, N. B. *A Educação Estética no Debate Pedagógico em Minas Gerais (décadas de 1920 e 1930)*. Revista História da Educação (Online) 2023, v. 27, e124298.
- RIBEIRO, D.C. e WEBER, M.T.D. *A empregabilidade em Secretariado executivo: o caso dos padrões estéticos e comportamentais*. v. 19 n. 1, Revista Expectativa, 2020.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. Ed. Schwarcz: São Paulo, 2005.
- THEBALDI, B. Os integrados e os outsiders da aparência: o "belo" e o "feio" em tempos de "culto ao corpo". *Revista Parágrafo*: 14ª Edição, Janeiro-Abril de 2020.
- XAVIER, J. S. O PRECONCEITO CULTURAL E LINGUÍSTICO ENRAIZADO ENTRE REGIÕES DO BRASIL. *Scientia: Revista Científica Multidisciplinar*, 5(3), 44–58, 2020. Recuperado de <https://www.revistas.uneb.br/index.php/scientia/article/view/8907>

Submetido: 18 de julho de 2024

Aceito: 10 de agosto de 2024